

APOS

Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão
<http://www.olhao.web.pt>
apos@olhao.web.pt

POEMAS JUVENIS



António Simões Júnior

Olhão / 2009

Poemas Juvenis

Edição electrónica de Janeiro de 2009, da APOS – Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão, baseada na Primeira edição em português: editada pelo autor (António Simões Júnior) em Olhão, com o título Poemas juvenis (Dispersos e Inéditos), e foi impresso no dia 22 de Novembro de 1947 na tipografia "O Algarve" de Faro. O autor não viu a sua edição porque se auto-exilou em Marrocos, para evitar ser preso pela polícia política da época.

Revisão: António Paula Brito

Capa: fotografia de Manuel Madeira à esquerda (poeta olhanense, ainda hoje a viver em Olhão) e António Simões Júnior à direita, em 1945, no Jardim João Serra.

BREVE RETRATO PSICO-CULTURAL DE ANTÓNIO SIMÕES JÚNIOR

Tem vinte anos de idade em 1942 e está na casa de seus pais situada perto da Estrada 125, no começo da Rua que hoje se chama de António Henrique Cabrita, em Olhão. Está rodeado de livros sobre a secretária onde lê e tem muitos outros arrumados na estante, ao alcance da mão. São livros sobre temas variados, de onde se destacam a História, a Filosofia, as Ciências Naturais e a Literatura. Estamos em plena Guerra Mundial e os povos do mundo inteiro agitam-se em busca de saídas para os problemas criados pelas crises cíclicas que até hoje têm afectado a Humanidade, desta vez vítima da cega barbárie Nazi-Fascista, que tão profundas e insanáveis feridas abriu no corpo e nas almas das gerações que viveram (e morreram) em mais de metade do século XX, representando porventura a mais negra nódoa da História da Humanidade. Na segunda metade do século passado, com o desenvolvimento das Ciências da Natureza impulsionado por descobertas extraordinárias nos domínios da Biologia e da Física e «Sobre a Origem das Espécies por Meio da Selecção Natural», de Darwin, bem como inovações tecnológicas relacionadas com o desenvolvimento da Revolução Industrial, surgiram teorias e programas de carácter sociológico e político que visavam transformar, melhorando-as, todas as condições económicas e sociais da vida sobre a Terra. Com o atraso quase secular que nos separava (e ainda separa, embora menos secular...) dos países mais desenvolvidos, só por meados deste século chegavam a Olhão, de forma mais sistemática, ideias esperançosas de transformação da nossa realidade empobrecida, desta vez acompanhadas do eco retumbante da Revolução Russa, descrita então com brilho inexcedível, com força de panaceia.

Delas (as ideias) tomou conhecimento com entusiasmo próprio da juventude António Simões Júnior, que ao seu estudo e divulgação se dedica, ao mesmo tempo que se interessa pela investigação autodidáctica de várias disciplinas do Saber, nomeadamente a Literatura e a Arte, de onde se destaca a Poesia. É nesta actividade que o vamos encontrar na sua mesa de trabalho, lendo romances e poemas, de escritores nacionais e estrangeiros, de forma sistemática e organizada. Lê neste momento a «Mãe», de Gorki, mas acabou de ler recentemente Balzac, na série interminável da «Comédia Humana». Está muito empenhado em conhecer os acontecimentos decorrentes da Revolução Francesa, bem como os pormenores da vida social dessa época, dominada pelo poder do dinheiro, entregue a paixões

devoradoras, e sabe que Balzac, não obstante a sua costela monárquica, é profundo e fiel construtor de um verdadeiro fresco da sociedade francesa, desde a Revolução até ao fim da Monarquia.

Quase ao mesmo tempo, lê e estuda Zola para melhor compreender a escola naturalista, com a intenção de aplicar à descrição dos factos humanos e sociais o rigor científico, concedendo importância capital às causas materiais das paixões humanas..., de certo modo se aproxima da escola neo-realista (actual), que assim a prolonga, dando-lhe novo fôlego. De poesia, acabou também de ler Baudelaire, herdeiro do romantismo, fiel à métrica tradicional, mas moderno no conteúdo, exprimindo ao mesmo tempo a tragédia do destino humano e uma visão mística do universo. Da leitura destes poemas, salpicados de sarcasmo e de tédio, que lembram António Nobre, conservou a memória de uma síntese emocional que serviu mais tarde para comparar com os valores estéticos de Cesário Verde, num ensaio que lhe dedicou em 1990. Dos poetas portugueses gosta particularmente de Torga e de José Régio, autor dos «Poemas de Deus e do Diabo» e de «As Encruzilhadas de Deus».

Na situação económica, política, social e cultural que se vivia em Olhão por volta dos anos quarenta, com algum desemprego, agravado pela fuga dos campos para os centros urbanos e, por consequência, com baixos salários, instrução deficiente, com mais de 70% de analfabetismo e um muitíssimo baixo nível de acesso ao ensino médio e superior, a que só uma escassa minoria podia ascender, era difícil sobreviver com dignidade neste ambiente degradante. Se considerarmos também a atmosfera de obscurantismo cultural imposto, a ausência de liberdades fundamentais e a repressão policial exercida sobre os suspeitos de desafecto à situação, criando um clima de medo difuso que todos sentiam, mesmo a minoria privilegiada que defendia o regime, por espantoso que pareça, está quase completo o quadro que determinava o mal-estar e a agitação política mal disfarçada e as fugas para o estrangeiro; situação esta talvez difícil de compreender pelos jovens de hoje, vivendo seguramente em condições que apenas eram sonhadas antes do 25 de Abril.

António Simões Júnior descreve com bastante objectividade literária toda esta situação confrangedora na sua «Antiga Crónica de Olhão» que ele próprio viveu sentindo na pele e no espírito toda a miséria envolvente, que atingia na altura a maior parte dos habitantes desta terra.

Está agora só e aparentemente tranquilo este rapaz um tanto esguio e de olhos muito abertos que raramente encontramos na rua, excepto aos sábados à tarde quando sai do seu local de trabalho profissional de pintor da construção civil e pára em frente da montra da

Livraria Farracha olhando os livros expostos, que examina com ar de entendido e interessado. Muitas vezes entra, folheia um ou outro, lê compassadamente as passagens que julga relevantes e, ou compra o livro e leva-o, ou deixa-o reservado para a próxima semana, se lhe agrada. Tem em casa a estante a abarrotar, o que a mãe verbera com ar magoado, e além disso o dinheiro não chega sempre para satisfazer o desejo que tem de ler, ler sempre, cada vez com mais entusiasmo. É muito sensível ao que se passa à sua volta, aflige-se com a miséria dos outros, sente na própria alma as injustiças abundantemente praticadas, mas usa poucas palavras para se exprimir, prefere o silêncio ou os monossílabos, parece sisudo e macambúzio, todavia tem dentro de si a tenacidade e a força que movem montanhas. É introspectivo e, se o deixarem, é um homem solitário, com o mundo às costas, procurando o impossível.

Gosta no entanto de dar grandes passeios, de preferência pelo campo, em silêncio, e mesmo agora o vejo deslocando-se a corta-mato, ao longo das margens da Ria Formosa, com o inseparável livro que de quando em quando abre e lê.

Vai a caminho da Fuzeta, sem destino determinado e rígido, depois regressa e fica no Café Avenida até tarde, ou vai para casa e lê até de madrugada. É fim-de-semana. Talvez Domingo. Mas ele sofre. E, melhor que o retrato que de memória evoco, aqui está a sua real figura, de corpo e alma inteiros, sem tirar nem pôr, nestes versos que escreveu, quase autobiográficos, que transcrevemos do seu livro «Poemas Juvenis», respeitando a ortografia original, e que o leitor encontrará no fim deste trabalho.

Em 1947, antes de iniciar a diáspora da emigração que o levou a Marrocos e depois à Argentina, Simões Júnior publicou este pequeno livro em que reuniu os seus poemas da juventude, cuja edição de algumas centenas de exemplares, a mão amiga de Joaquim Carlos Silvestre salvou da possível apreensão pela PIDE que, enfurecida pelo vigor das actividades políticas e culturais dos jovens de Olhão, prendia pessoas quase a torto e a direito e apreendia toda a literatura que alcunhava de «subversiva», desde que não louvasse o poder político vigente. Este furor histórico do regime recrudesciu sobremaneira depois do comício de Bela Mandil, que reuniu centenas de jovens de todo o Algarve numa jornada de confraternização inolvidável, tendo depois desfilado unidos e solidários até Olhão, onde foram dispersos a tiro por forças de GNR e outras, junto da ponte da Rua 18 de Junho.

Este livro de «Poemas Juvenis», formalmente de estilo modernista, sem preocupações de rima e de métrica, excepto nos versos da página 5, «ao meu Cachimbo», em que predomina a figura rimática, apresenta todavia, em relação ao conteúdo estruturante dos poemas, um

florilégio de tendências temáticas que irão projectar-se e desenvolver-se esteticamente em futuras obras do Autor, quer em prosa, quer em verso, nomeadamente o pendor para um psicologismo racionalista em que a intuição, de raiz emocional, é invadida pela presença directa ou camuflada de um realismo social envolvido em roupagem poética de efeito moderador entre a antinomia aparente do individual e do social, espécie de conflito impossível entre a parte e o todo, que está na base conceptual e estética da produção neo-realista, notável sobretudo em poetas como Carlos de Oliveira e João Cochofel. No caso de António Simões Júnior, esta formulação literária de propensão lírica está bem patente na «Antiga Crónica de Olhão» e nos contos de «Pequenos Burgueses» que merecem ser lidos, pelo fulgor que ostentam subjacente a toda a urdidura narrativa. Impõe-se por isso e pela evocação realista e dramática que o autor faz de acontecimentos entrelaçados nas raízes humanas desta terra, a leitura do livro «Antiga Crónica de Olhão», já publicado e em boa hora traduzido por Diamantino Piloto, que tão perfeitamente conhece os meandros históricos e sociais de Olhão.

Mas o autor deste livro prosseguiu o seu ritmo de escritor enraizado no húmus da língua castelhana, desbravando caminhos originais na literatura sul-americana, onde obras como «A Novela Impossível», «A Aventura de Casablanca» e outros ensaios e estudos encontram um acolhimento inusitado, pelo aprofundamento continuado da problemática da linguagem e do conhecimento sempre renovado que ela implica, e pela extensão e diversidade das áreas abordadas nos domínios da criação literária.

António Simões Júnior é portador do gérmen da inquietação filosófica e metafísica que não o deixa parar sequer para contemplar o espaço-tempo percorrido ao longo de 50 anos de actividade de escritor, antes o impele para «mais largos horizontes e mais profundas águas», para honra do nosso país e especialmente desta cidade de Olhão, que tão viva permanece dentro dele. Também os seus amigos o não esquecem e aqui o evocamos, sabendo que ele gostaria de estar connosco nesta data comemorativa do 25 de Abril, que também ajudou a construir, assim como Vitoriano Rosa, que tanto carinho dedicou à coordenação editorial do livro agora publicado.

Olhão, 25 de Abril, 1997

Manuel Madeira

ÍNDICE

Excitação.....	1
Guerra.....	3
Ao meu Cachimbo.....	5
O cão enforcado.....	6
Combate I.....	8
Combate II.....	9
Saudade jovem.....	10
Vem vida.....	11
Queixas do menino a sua mãe.....	12
Poema de terça-feira Gorda de Carnaval.....	13
Agonia.....	16
Certeza.....	17
Poema à África.....	19
Para além de tudo isto.....	22
Oração... ..	24



Associação de Valorização do Patrimônio Cultural e Ambiental de Olhão

Poemas Juvenis



Associação de Valorização do Patrimônio Cultural e Ambiental de Olhão

POEMETO

EXCITAÇÃO

Café Avenida —às 23 horas

Eu sou o rapaz do café,
de lenço branco e cara amarela,
que de noite, a horas incertas,
venho sentar-me na mesa do canto...
— E quando o criado vem,
peço o clássico café
e fumo cigarros
num atordoamento.

Concentro-me monotonamente e fico pasmado a olhar,
a olhar;
neurastenia de tudo quanto vejo, ou não vejo,
neste antro de fumo, onde a alegria se perde...
e o pilar do tédio a crescer, a crescer,
ameaça converter-se
numa tempestade horrível que não posso dominar!

Dentre as trevas morais, como a acenar,
a acenar,
o meu cigarro brilha indiferente à multidão.
E fico obcecado, tão alheio a tudo, a pensar,
a pensar,
que chego a esquecer-me de que estou aqui;
e só acordo
quando o criado me pergunta:
— “Então, senhor António?!”
Quer mais um café?”
— “Sim, vá lá mais um para acalmar
estes nervos.” E perco-me no labirinto
que não sei distinguir,
que não quero distinguir.

Sinto-me indisposto, falta-me a respiração...
Quero lutar e já não tenho força;
e sem força perco esta batalha,
deixo de ser eu para ser o outro...
— A tremer, tento aparentar calma,
e fumo, sorvo o meu cigarro.
É esta a fútil máscara com que me iludo,
e me desiludo.

Os frequentadores do café, olham com admiração
para mim,
e cochicham uns aos outros, que estou doido,
que estou doido,
ou então bebi vinho...
Os nervos não obedecem ao cérebro.
A besta toma o freio
e irrompe.
A luz bate-me de chapa, o tecto vai cair
as mesas e cadeiras começam a rodopiar,
e tenho a impressão de que o mundo acabou aqui,
acabou aqui...

GUERRA

Dir-se-ia! dir-se-ia!
que o inferno conquistou o céu.

Em nosso redor a morte vai ceifando
seara de corpos desgrenhados.
Na inquietação das trincheiras,
de olhos postos no chão,
nós vivemos como ratos...

A terra arde ! Incendeia-se o espaço !
Começa a dança da morte...
Um clarão violento perpassa, nas trincheiras,
numa fúria infernal.
Ouvem-se os baques dos corpos
caindo de borco no chão.

Gemidos irrompem das trevas
em espasmos de agonia.

—Já não temos lágrimas para chorar.
A guerra tornou duros os nossos olhos,
insensibilizou os nossos corações...

Lembro-me dum camarada morto
que tombou junto de mim,
e a quem ajuntei os ossos,
que constantemente perguntava:
— "Ainda será viva minha mãe?
Ainda terão luz os olhos de minha mãe?!"

A inquietação,
vem soturnamente, como fantasmas dos mortos,
por entre o gargarhar da metralha.
Vem! e apodera-se das nossas almas.
E nós ficamos como lobos, pela fome,
enraivecidos,
de barbas hirsutas, de dentes cerrados
e de metralhadoras nas mãos !

Ao meu Cachimbo

Oh! meu amigo, meu insigne companheiro
das noites de insónia, passadas em vão,
que tal a nossa vida ? Tal o fumo derradeiro
da nossa ridente e desfeita ilusão ?

Quando chora o coração, a dor mais aperta...
teu fumo azulado em zig-zag, noite escura,
se eleva no espaço... minha alma deserta
de sois e esperanças, de carinhos e ternura !

De noite, janela aberta, olhando a rua
silenciosa... e iluminada p'la lua,
ficamos quedos e sós, a meditar tristemente.

E no ar paira uma sombra obscurecida
que não sei se é fumo, ilusão desta vida,
ou um olhar que interroga mansamente.

O cão enforcado

Um cão amarelo
dança infatigavelmente,
na nénia do vento,
pendente dum esguio pinheiro
por arame de fardo de palha.

E as crianças da aldeia,
vivas e ladinas, vieram p'la Lua-cheia
apedrejar o mísero cão.
— Pouco a pouco, à pedrada,
partiram-lhe os dentes,
vazaram-lhe os olhos,
romperam-lhe o coração
e gritaram,
declamaram:
— “Olha o cão do *Zé Velhinho!*
Olha o *Rambóia* enforcado!”

Depois vieram os ciganos
que passavam p'la estrada,
com facas afiadas, ver o cão.
— Cuspiram para o lado e disseram, (ouvi dizer!)
que já não valia muito:
e nem mesmo valia a pena
por ter a pele estragada ...
E os ciganos retomaram
a estrada do seu destino
que fica a beira do mar.

E o cão continuou,
à chuva e ao vento,
bailando, bailando,
infatigavelmente.
—A Primavera veio
desgrenhada e linda,
e nas órbitas do cão floriram
dois cravos, duas rosas ...

— Duas esperanças loucas !

COMBATE

I

A minha inércia ou cobardia
é um monstro selvagem,
que exaspera em mim.
— Ah! mas suceda o que. suceder,
hei-de esmagá-lo,
hei-de arrancar-lhe as garras,
hei-de vazar-lhe os olhos,
hei-de partir-lhe os dentes
e dizer enfim:
— Eis-me liberto, pronto
a juntar-me aos da vanguarda
que além esperam,
chamam por mim!

Ah! eu agora sei,
eu agora sinto,
que o meu canto de certezas
na primavera da vida,
é um canto de VITÓRIA

Eu sei que já outros
homens cantaram
as minhas esperanças.
—Eu sei que nós todos, meus amigos espezinhados...
somos
partículas dos problemas,
das dores, prazeres e esperanças
da HUMANIDADE inteira.

II

Hei-de lutar, com a palavra,
com a espada,
com as garras, unhas
e dentes.
Hei-de lutar, vencer e cantar...
Cantar a minha PRESENÇA
na arena do combate
da luta pela Vida
que nos pertence!
— Hei-de lutar e ser,
ser a valer,
o permanente gladiador
lutando pela razão
mergulhada no pântano
das consciências torvas.
Minhas passadas inda hesitantes
começam a soar na minha consciência.
Atiro-me para a frente,
piso a terra húmida
do sangue generoso dos guerreiros;
aspiro o aroma da campina fértil
de frutos e promessas,
na primavera da Vida,
e sinto suavemente um manto de ESPERANÇA
agasalhar-me o corpo nu.

SAUDADE JÓVEM

Nos seus olhos negros uma grande Esperança dardejava;
o seu mundo era vasto como um resplendente dia.
Mas nas faces cadavéricas a morte se lhe anunciava
na tempestade negra da negra noite que surgia...
— Até à hora derradeira foi sempre um combatente;
Jamais traiu o ideal humano que seu peito albergava.
— Agora morto, choram os jovens continuamente,
o companheiro sepulto que por eles batalhava.
— Sua voz morta, mas viva, ficou ecoando na aragem
da brisa matutina, com saudosa mensagem...
e na sua campa florida (oh! jovens !) ficou cismando
uma mulher de mármore níveo, lívida toda nua!...

.....
Era a saudade chorando...
banhada p'lo pálido-fluente clarão da Lua

VEM VIDA...

Eu quero que a Vida venha
negra e crua,
despida de mantos bordados de fantasia,
e se esmague e entre
nos olhos nefelibatas
dos poetas de cabeleiras empoladas
e frases balofas, retocadas,
que ficam absortos a pensar...
a arquitectar moinhos de vento,
castelos de quimeras, mundos excepcionais,
de que foram reis outrora
numa ilusão que jamais findou.

Oh! Vida, vem,
e lentamente,
mas soberanamente,
mostra num deslumbrante infindo
os verdadeiros cenários da existência,
com crianças esfarrapadas nas esquinas
e gritos sufocados e lágrimas esmeriladas,
nas casas de telha negra, dos bairros tristes.
Vida,
aponta aos que primam em não ver,
em não querer compreender,
— aos que obstinadamente continuam
narcisos e fechados,
e de cujas almas não brota
qualquer amor que se sinta,
qualquer chama que se veja,
na ânsia da humanidade —
a esterilidade do seu destino ...

— «Eu ! Só eu ! O mundo sou eu...»,
gritam, ó Vida, os poetas nefelibatas ...

Nunca mais ó Vida, o grito do Eu,
lançado como um insulto,
aos quatros ventos.

Queixas do menino a sua mãe

Minha mãe, eu chego da rua
com a alma morta, já sem alento.
Lá fora a Lua brilha... e a Primavera
nesta noite de Abril, convida a sentar
num banco do jardim, onde senhoras e cavalheiros
com meninos em redor a saltar
em sorrisos de Esperança, beijados pelo luar,
vão-lhes contando a ridente história,
a maga e deslumbrante maravilha,
da lenda da bela princesa encantada
— e não encontrada
por nenhum príncipe errante.

E eu, minha mãe,
sinto a ânsia de percorrer o mundo inteiro
em busca dessa princesa de lenda e fantasia,
ou em busca de mim:
que eu não me encontro onde estou !
— Eu venho lá de fora, triste e sózinho,
sonolento e sem Esperança como o guerreiro
que pressente a batalha ganha pelo inimigo.

Naquela encruzilhada do meu destino
ainda vejo as pegadas de quando lá andei,
e as pedras que me atiraram
e os nomes que me chamaram
quando era menino !

Ah!... mas eu nunca fui menino...
— Eu fui somente o produto,
da negação de mim mesmo...

POEMA

de Terça - feira Gorda de Carnaval

Num recinto de baile,
os pares dançam voluptuosamente
ao som lânguido
da música!
que irrompe frenética
e parte
vidraças dentro de mim.

.....

... E vou para além
donde não posso ir
através de mim.
Ah! mas para atingir
o ponto culminante
onde quero ir
sem Deus consentir,
eu imploro, soluçante:
— "Sr. Deus, eu creio em vós
e uma sensibilidade morta
renasce em mim !
Volto ao passado, sob a vossa protecção,
e sinto-me outra vez
criança,
levada nos braços da ilusão.
—Sr. Deus ! Deixai-me ir ao recinto
de dança,
onde há perfumes estonteantes
e cores insinuantes em damas bonitas.
Hoje, terça-feira Gorda de Carnaval,
sr. Deus,(para que nasci assim sensível
e vivo por eles
a vida deles?)
todo um passado ressuscita
através dum presente mascarado...
— Perdoai-me, sr. Deus !
Eu sou egoísta e julgo
sentir por eles
— os pares dançantes —

a beleza sem termo, sem classificação,
dos seus corpos vibrantes,
insinuantes,
e da música que penetra
no meu Ser
(sem razão de ser)
e se transforma em vento
que percorre o continente,
o continente
da minha alma.
— Sr. Deus — mais uma vez — eu posso ir,
ao recinto de dança?
Prometo portar-me com cuidado...
ninguém saberá
que fui exilado de lá
quando era criança».

.....
Ah! mas Deus, não me responde!
Deixo de crer, de ter fé,
e volto a ser ateu.
Vou sentar-me à mesa do bar
escondido,
pervertido,
nas traseiras do salão,
com a música a apunhalar-me
a garganta,
que soluça quando canta
uma indizível canção...
Alguém ao meu lado diz
— ou pelo menos insinua, —
que a esta hora está chovendo lá fora,
que a esta hora está gente morrendo,
morrendo no mundo inteiro,
para salvar o mundo inteiro...
E eu gostaria de dizer
que nesta hora sonolenta,
amorfa,
nesta hora sem principio nem fim
está um menino morrendo
em mim, que fui eu,
que sou eu
exilado dum país ridente, primaveril,
onde os homens pensam
e actuam sempre
numa Esperança sem fim,
que sobe, sobe

desmedidamente,
continuamente
em vez de ficarem bebendo
e apodrecendo
moralmente !
— Eu bebo num grito de revolta
a miséria da minha existência,
e choro...
Choro intimamente
a minha morte
que ninguém vê !
— Oiço !... Oiço citar o meu nome
e dizer,
que faço poemas de sangue
e quebro algemas de escravos
que jazem agrilhoados.
Volto-me, então, para mim,
num olhar insinuante,
num grito de aflição !
que fica mudo, indeciso...
— E faço hipóteses de triunfo
e penso:
— «Se acaso, o meu nome
e o meu retrato
viesses
amanhã, nos jornais,
toda esta gente
diria a outra gente
que por sua vez diria,
também,
a outra gente
que o poeta do jornal
era aquele homem bêbado, de terça-feira...
de terça-feira Gorda de Carnaval.»

AGONIA

No chão deserto
ondularam sombras de asas
que o ar fenderam...
Os corvos da batalha vieram
— depois de lauto e mórbido banquete
com cadáveres de vencidos — de garras ensanguentadas
poisar na Cruz de Cristo.
E toldaram com olhar sinistro,
o céu da nossa Esperança...

Os lobos enraivecidos invadiram os redis
e cevaram sua gula nos rebanhos de cordeiros
que balindo, balindo,
inda esperavam que o pastor da Justiça
ressuscitasse e viesse
com sua Santa Doutrina,
com suas Palavras Mágicas
arrancar as garras, quebrar os dentes
e tocar o coração aos HOMENS feitos lobos.
Braços descarnados erigiram-se pró ar...
e suas dilaceradas mãos
juntaram-se para implorar
das sombras negras
implacáveis como deuses
rígidas como estátuas
mais Paz e Justiça!

Mas foi em vão...
— O ódio brilhou no olhar frio dos conquistadores ,
que esmagaram na passagem os vencidos...
e ficou como um raio do céu desprendido,
pairando no ar como uma espada de Damocles
(aqui invertem-se os termos:
a espada que ameaçava outrora os tiranos
é agora punhal na garganta dos vencidos).

CERTEZA

Dos longes do passado, do fundo de mim, da origem do meu ser
vem esta agonia dúbia
que se me espalha no sangue
e esfarrapa os nervos
descontrolados.

— Nervos nevróticos dançando
no tempo sem tempo
da actualidade !

Sou um ser fechado,
silencioso como um deserto árido
onde as manhãs apodreceram a sorrir.

— Sou um ser fechado
mas hei-de me abrir,
mas hei-de me rasgar
em janelas floridas
para os outros
(que não para mim)
e hei-de me debruçar nelas
e rasgar o cartão reles,
fútil miragem do céu...
Eu sei que se há-de cumprir
o que o meu sangue dúbio insinua.
— Eu sei que se há-de cumprir...
Eu sei... Mas hei-de oferecer
em holocausto meu corpo
vivo ou morto
para as barricadas de rua.

Hei-de abrir, a golpes de bisturi, as veias, o coração e a alma,
e tudo que em mim não tem definição,
e tudo que em mim não sei distinguir...
não sei distinguir,
mas sinto...
sinto em ebulição.

— Hei-de abrir-me e dar-me em mil sóis,
em mil primaveras de Esperança,
aos famintos
que agatanham a terra ululando de desespero

e inutilmente
alevantam os olhos suplicantes para o céu
inclemente.

Uma voz dolorida
canta dentro de mim,
uma canção que reza assim:
- Oh ! Sol vai dizer a Deus
que a Esperança dos escravos
que trabalham algemados sobre a terra,
é maior! é mais vasta!
que os vales, os cerros, os picos da montanha
e do que o próprio céu.

POEMA À ÁFRICA

África silenciosa,
bailarina negra
de corpo quente,
dengoso e mole,
em requebros sensuais,
numa dança compassada,
rodopias toda nua
ao Sol dos trópicos,
ao clarão da Lua.

África de sangue, do oiro e da morte;
África devassada e corrompida,
África miserável e nua
sem cenários românticos
de lagos e de luas.
— África escravizada, sangrando das órbitas,
desespero da vida.
Mãos tombadas de rostos negróides
que não floriram,
que não deram fruto.
— Árvores humanas sem folhas nos ramos...
(os ramos são...
são...
braços bronzeados, estendidos, abertos,
a implorar vida
para além da negra vida
do seu horizonte).
Escrava negra, negra...
Escrava dos olhos verdes
que num leito de prazer
em afagos de braços mornos
ofereces teu corpo nu
a qualquer aventureiro...

África!...
Mãe!
Mãe negra,
monótona e triste,
num parto gigantesco, penoso e difícil, entre gemidos e lágrimas

— lágrimas estéreis, mãe!, lançadas como lama
à consciência do mundo —,
dor após dor,
vais dando à luz
contínuas gerações de escravos.
— Tu choras, mãe !,
choras...
lágrimas de fogo cor de Lua
que inundam teu corpo chagado.
Tuas carnes suadas, dilaceram-se, estridulam sob o chicote,
que morde e doi,
do teu amo e senhor
(Ugolino de teus e seus próprios filhos);
e tu curvas-te, chaguenta e dorida,
e de olhos suplicantes, chorando, obedeces... mãe !

Escrava negra, negra,
mais negra que a noite imunda,
teu corpo sereno e belo
rodopiando na treva densa
com adornos de prata escura
vai atijando a fogueira
que de brasa em viva chama
se transforma, no coração
dos teus amantes aventureiros
que devassam teu corpo belo
sensual e nu ...
—Escrava negra! Bailarina nua !
Nos teus olhos verdes, doces,
há reflexos cor de Lua.
Brilham na escuridão
teus enfeites de metal
que simbolizam o bem ou o mal
duma velha tradição.

África!
A tua dor angustiada, através dos séculos,
toma voz na minha despida sensibilidade.
No meu sangue despertam, vibram, tomam consistência,
os átomos estigmatizantes, perdidos nos continentes,
das tuas duas mil gerações de escravos.

África!
Mãe troglodita
de silêncio profundo,
teu sangue é lava
bebida,
jogada aos dados,
nas Sete Partidas do Mundo;
tua cor é luto,
negra bandeira,
a avivar recordações:
Gemidos, uivos, mar largo, sibilar do vento nos mastaréus,
dos navios negreiros;
carregamentos de carne humana
empilhados nos porões
e levados dos sertões
através de fugas, tiroteios, sangue, algemas, suor e lágrimas
à aventura da negra vida
em terra desconhecida.

África !
Tua cor é luto,
denso manto que não esquece a tua condição
de mãe espoliada
de seus filhos expatriados,
que sofrem no exílio
as imprecações dos homens civilizados,
nas terras civilizadas das Américas.

África !
Mãe !
Mãe negra
de escravos cor de bronze,
este teu filho branco
há tanto tempo perdido
nos confins do Mundo,
nas encruzilhadas da vida,
humilhado e ofendido
REGRESSOU !

Para além de tudo isto...

A alameda neste penumbrático cair de tarde
parece estar impregnada dum subtil mistério.
E os repuxos do lago, como gotas de orvalho,
choram a agonia do Sol crepusculando-se...

Uma sensação de morte penetra o arvoredos;
caem folhas em meu redor...

Mas a vida não acaba
aqui ou ali,
neste mar doce de tristeza, onde minha alma se banha.
— A vida continua lá fora,
fora dos muros do jardim.

Aqui,
em redor do lago, sem cisnes de lenda,
meninas bonitas, com feias à mistura, passeiam, passeiam,
sonhando a vida
(como se a vida fosse feita para sonhar!)
No coreto,
iluminado de matizadas cores,
a banda da vila, de farda amarela,
estridula música.
E então!
tudo fica suspenso do som, das notas, do ritmo,
das estrelas...

Nascem muralhas de ilusões
a interceptar o que para além do recinto
do romântico jardim,
possa subsistir.

Mas mesmo assim...
a paisagem do meu beco é inescurecível.

De qualquer maneira será inútil este cartaz de tintas baratas
que quase não chega a ter coloração.
Amanhã choverá,
e este cenário reles de cartão
se desbotará
e a tinta humedecida em faces de mulher,
dissolver-se-á aos poucos e gotear-se-á no chão.
— Sim, amanhã choverá,
será um dia sensacional,
algo de anormal se dará,
desfraldar-se-ão mil bandeiras.
Sim, porque na minha alma
ergue-se-me ao hiper da sensibilidade,
um posto de T. S. F.
que emite alucinadamente
S. O. S., S. O. S.,
na escuridão,
que a luz fosca desta ilusão
com música e meninas no jardim,
não consegue iluminar.

O jardim está povoado de árvores frondosas,
e os gradeamentos emaranhados de trepadeiras
floridas,
mas mesmo assim,
o clamor das gentes das casas do meu beco
chega até mim.

Para além de tudo isto que é fútil,
que é fútil,
e meus olhos vêm e a música insinua
a vida tumultuosa continua,
continua.

ORAÇÃO...

Manhãs orvalhadas, frias, cinzentas,
Dos montes, das serras,
Das arvores, dos caminhos...
Geladas e tristes! —
— Carros de bois, p'la estrada
Vão e vêm ao seu destino;
Pássaros nos arvoredos
Em chilrear matinal;
Cães ladrando nos casais,
E homens que vão passando,
De enxada ao ombro, cantando,
Um hino à natureza...
— Tudo isto faz lembrar
Esta ânsia infinita,
Esta saudade sem fim
Do meu sonho de criança!
— Um sonho que não morreu
E que inda hoje, perdura,
Nas manhãs orvalhadas !...



Associação de Valorização do Patrimônio Cultural e Ambiental de Olhão

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO

<http://www.olhao.web.pt>

Olhão, 2009